

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A POESIA CRISTÃ

O Dia – 28 de setembro de 1933.

Publicando São Francisco de Assis e a Poesia Cristã, mostra-se este espírito sublime que é Agrippino Grieco, crítico e historiador. Crítico dos mais afilados, esteta, dum estilo superabundado de idéias novas, duma maneira de escrever impressionante e justa, juiz severo defensor do nosso idioma. Historiador fecundo, busca nas fontes as verdades históricas necessárias ao seu espírito crítico. Caráter híbrido de historiador e crítico, história criticando, haja vista a Evolução da Prosa e da Poesia Brasileira, livros em que o hibridismo de Agrippino mais se nos apresenta. A história a serviço da crítica é o seu alimento principal. Busca nas fontes os motivos de sua crítica, mas o belo dos seus livros está na pura psicologia literária, está na análise admirável que faz nos seus estudos críticos-sarcásticos, lançando contra a mediocridade que escreve o fel da verdade. Vejamos Vivos e Mortos. Nada mais recomendável, portanto, do que uma obra de Agrippino Grieco, deste Agrippino tão temido, tão sarcástico e tão grande.

O seu último trabalho – São Francisco de Assis e a Poesia Cristã – é um trabalho de história e de crítica profunda. É o último livro de Agrippino uma biografia. Não biografia de datas, de passagens da vida biografada. Faz biografia, mas puramente psicológica. Estuda Dante, Tasso, Lamartine, Verlaine, Milton, Varela, Gomes Leal, etc. em sua intelectualidade.

A poesia cristã é desde há muito uma potência criadora, derramando luz sobre a terra e espargindo o misticismo sobre os espíritos. Seu caráter mitológico amedronta como a voz ao além. É a oração de poetas cristãos, inspirando o nosso sentimento religioso de homens, por um mundo superior, por um mundo divino. Segundo a gênese, existe na imensidade estonteante do infinito uma divindade, poderosa, onipotente, monarca absoluto e dominador de todo o mundo terrestre e celeste. Este monarca é Deus. E poetas, antigos e modernos, dominados por uma paixão temerosa a esse ente, traçam em eloqüentes palavras rimadas todo o seu sacrifício:

A noite que passou
O Cristo no Calvário
Um rouxinol cantou
Sobre a cruz solitário.

São versos do poeta Gomes Leal, na sua história de Jesus. E o nosso Varela.
O que eu adoro em ti, ouve, é tu'alma.

E Grieco traça em linguagem vibrante as vidas de Dante, S. Tereza, Chateaubriand, Péguy, Milton, Southey, Wilde, Antero, etc.

Começa o ilustre escritor com a Legenda Franciscana. Fala nos monges da Itália e nos solitários da Tebaida... e de S. Francisco: Abismava-se em Deus, saciava-se de solidão, mas também vinha ao mundo para lutar. Esse orfeu batizado foi um dos maiores organizadores do seu tempo. Muito contente com a sua libré de estaménha, não a trocaria por uma veste de púrpura, achando preferível ser lacai de Cristo a ser príncipe dos homens. E mais adiante: Como no hálito de um pastor que só se nutre de frutos, na boca de S. Francisco só havia o aroma de Deus, porque o nome de Deus era o seu alimento preferido. Agrippino também é poeta. Traçar páginas como as que traçou sobre S. Francisco, é preciso estar ouvindo a lira, a lira sacrossanta de Jesus entoando o hino à redenção. Termina o capítulo com a morte de S. Francisco, ser imortal e possuidor do eterno e imperecível segredo de Cristo, na órbita infernal em que vivia, dentro das misérias,

vendo doentes, acalmando com beijos os leprosos, confiante que estava na grandeza e onipotência de Deus.

Teve só agora S. Francisco as páginas que merecia na Literatura brasileira. Agrippino foi o autor. Largou a pena de crítico e todas as verdades historiadas, para ser um discípulo dos seus sentimentos e do seu saber. É S. Francisco de Assis e a Poesia Cristã um dos livros mais benéficos, eruditos e interessantes, cheios de páginas instrutivas. É a ultima palavra sobre a poesia Cristã.